

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

SABERES TRADICIONAIS EM SALA DE AULA: O RITUAL DO CICLO DE VIDA DE CRIANÇA PARA ADOLESCÊNCIA DO POVO KANELA DO ARAGUAIA-ALDEIA NOVA PUKANU

*Traditional knowledge in the classroom: the ritual
of the life cycle from child to adolescence of the
Kanela people of Araguaia-village Nova Pukanu*

*Conocimiento tradicional en el aula: el ritual del
ciclo de vida desde la niñez hasta la adolescencia
del pueblo Kanela do Araguaia-Aldeia Nova
Pukanu*

Raquel Pereira da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0869-9909>

E-mail: raquel.silva3@unemat.br

Maria Helena Rodrigues Paes

Docente da UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra-MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1470-9366>

E-mail: ninhapaes@unemat.br

Neodir Paulo Travessini

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7227-7205>

E-mail: neodir@unemat.br

Como citar este artigo:

SILVA, Raquel Pereira; PAES, Maria Helena Rodrigues; TRAVESSINI, Neodir Paulo. Saberes tradicionais em sala de aula: o ritual do ciclo de vida de criança para adolescência do povo Kanela do Araguaia-Aldeia-Nova Pukanu. **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Jan/Abr., Vol. 5, n. 18, p. 97-113, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 5, número 18 (2025)

ISSN 2525-670X



SABERES TRADICIONAIS EM SALA DE AULA: O RITUAL DO CICLO DE VIDA DE CRIANÇA PARA ADOLESCÊNCIA DO POVO KANELA DO ARAGUAIA-ALDEIA NOVA PUKANU

Traditional knowledge in the classroom: the ritual of the stages of the life cycle from child to adolescence of the Kanela people of Araguaia-village Nova Pukanu

Conocimiento tradicional en el aula: el ritual de las etapas del ciclo de vida desde la niñez hasta la adolescencia del pueblo Kanela do Araguaia-Aldeia Nova Pukanu

Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a relação entre a realização de ritual de passagem da criança para adolescência do povo Kanela do Araguaia-MT e o contexto escolar, quando os saberes tradicionais são transformados em produto pedagógico para o ensino e aprendizagem dos alunos. A partir do ritual mencionado, são estabelecidas diversas relações com os saberes nacionais, como as propriedades das plantas (jenipapo e urucum), das quais são produzidas as tintas usadas para a pintura corporal. Os alunos conhecem especificamente o tipo de grafismo usado para o ritual de passagem, pois todo ritual tem sua pintura específica. Portanto, é um trabalho para uma educação diferenciada, usando os saberes da comunidade para construir a escola que queremos, que não retalha nossos costumes e nem nossa alteridade.

Palavras-chave: Ritual Kanela; Saberes tradicionais; Escola diferenciada.

Abstract

This article aims to discuss the relationship between the ritual of phases of children into adolescence among the Kanela people of Araguaia-MT and the school context, when traditional knowledge is transformed into a pedagogical product for teaching and learning for students. From the aforementioned ritual, various relationships are established with national knowledge, such as the properties of plants (genipapo and annatto), from which the paints used for body painting are produced. Students know specifically the type of graphics used for the rite of passage, as every ritual has its specific painting. Therefore, it is work for a differentiated education, using the community's knowledge to build the school we want, which does not destroy our customs or our otherness.

Keywords: Kanela Ritual; Traditional knowledge; Differentiated school.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la relación entre el ritual de fases de los niños a la adolescencia entre el pueblo Kanela de Araguaia-MT y el contexto escolar, cuando el conocimiento tradicional se transforma en un producto pedagógico para la enseñanza y el aprendizaje de los estudiantes. A partir del ritual antes mencionado se establecen diversas relaciones con los saberes nacionales, como las propiedades de las plantas (jenipapo y achiote), a partir de las cuales se elaboran las pinturas utilizadas para la pintura corporal. Los estudiantes conocen específicamente el tipo de gráfica utilizada para el rito de iniciación, ya que cada ritual tiene su pintura específica. Por tanto, es un trabajo por una educación diferenciada, utilizando los conocimientos de la comunidad para construir la escuela que queremos, que no destruya nuestras costumbres ni nuestra alteridad.

Palabras clave: Ritual Kanela; Conocimientos tradicionales; Escuela diferenciada.



Introdução

Eu sou a Raquel Pereira da Silva (Rhàjk), do povo Kanela do Araguaia, nascida no Município de Canabrava do Norte-MT e moro na Aldeia Nova Pukanu, no Município de Luciara, região Nordeste do Estado de Mato Grosso.

Sou Bacharel em Ciências Biológicas, pela Faculdade Anhanguera de Anápolis-GO e graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Faculdade Integrada de Ariquemes-RO. Continuando meus estudos, cursei Especialização em Biologia Celular e Molecular, pela Faculdade Única de Ipatinga-MG, atualmente estou cursando Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena, pelo campus de Barra do Bugres, na Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

Atuando na educação, sou professora da Escola Estadual Juscelino Kubitschek, na sala anexa da aldeia Nova Pukanu desde 2019. Trabalho com turmas do Ensino Fundamenta II (6º ao 9º ano), do Ensino Médio, do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos-EJA e Ensino Médio na modalidade EJA.

Povo Kanela do Araguaia

O povo Kanela é originário do Maranhão, cujo grupo é considerado sub-grupo dos Timbiras (Melatti, 2024). Atualmente, os Kanela do Maranhão é constituído por dois grupos, conhecidos como Ramkokamekrá (povo indígena do arvoredado almécega) e Apanyekra (o povo indígena da piranha). O nome Kanela está relacionado ao fato destes povos serem visivelmente mais altos, se caracterizando por suas longas pernas, quando comparados com os seus vizinhos, os Guajajara (Crocker, 2024).

Acredita-se que os Kanela ou Canela Apanyekra recebe o nome de “o povo indígena da piranha” devido ao fato de pintarem o maxilar inferior de vermelho, lembrando os traços desse peixe carnívoro (Crocker, 2024).

O povo Kanela do Araguaia é oriundo do povo Kanela Apanyekra do Maranhão, mais especificamente da Aldeia dos Porquinhos, localizada entre os municípios de Barra do Corda e Grajaú, no Estado do Maranhão. O povo Kanela sofreu grande massacre no ano de 1931, ocorrência que quase dizimou os indígenas da Aldeia dos



Porquinhos. A minha família fugiu daquele conflito, saindo da região de Grajaú e chegou em Porto Franco-MA.

No ano de 1934, de acordo com relatos de minha mãe, a nossa família continuou a fuga por receio da perseguição dos fazendeiros e temendo serem mortos. Os meus pais contam que, naquela época, havia uma guerra para acabar com os indígenas, pois os latifundiários os tratavam como animais selvagens. Meu povo se deslocou do Maranhão sentido para Goiás, região que atualmente é o Estado do Tocantins, onde permaneceu até 1953. Nesse mesmo ano saiu do Tocantins e se refugiou na região de Santa Terezinha e Luciara, já no Estado de Mato Grosso.

Devido ao contexto de perseguição, as pessoas do meu povo sempre fugiam com medo de serem pegas e entenderam que negando a sua identidade poderiam permanecer vivas. Dessa forma passaram a viver como “os brancos” ou não indígenas, deixando de falar a língua materna e de praticar muitos dos seus costumes. Portanto, muitos dos rituais tradicionais, além da língua ancestral, foram deixando de serem praticados pela pressão da sociedade envolvente.

Assim, ao longo desta trajetória, por serem obrigados a não falarem sua língua materna, culminou na perda total da língua ancestral, entretanto, estamos buscando e colocando em prática algumas estratégias para revitalização da nossa língua, e estamos inserindo a escola como o elo principal para fazer esse trabalho de suma importância para a comunidade. Deste modo, foi que, após mais de nove décadas de invisibilidade, no ano 1998, o meu povo decidiu voltar às suas origens, se reorganizar como grupo étnico dos Kanelas em Mato Grosso.

Meu povo se autodenomina como Kanela do Araguaia, por viverem às margens do Rio Araguaia. Atualmente, meu povo está revitalizando sua língua tradicional fazendo do ensino escolar e também das músicas e danças tradicionais instrumentos provocativos para tal processo de revitalização. Foi estabelecido, então, um conjunto de costumes tradicionais de nossa cultura que o grupo decidiu que deveriam ser praticados novamente, assim, temos algumas festas culturais que inserimos no calendário escolar para torná-las “naturalizadas”, principalmente entre os jovens, conforme acompanhamos nas Figuras 1 e 2, estampando o calendário cultural do meu povo.



Figura 1: Calendário cultural do Povo Kanela do Araguaia Krî Nova Pukanu



Fonte: Silva (2024).

Figura 2: Calendário cultural de 2024 do Povo Kanela do Araguaia Krî Nova Pukanu legendado



Fonte: Silva (2024).

Na região do Araguaia, nos municípios de Santa Terezinha e Luciara são quatro aldeias Kanela: Nova Pukanu, Tapiraká, Porto Velho, Bom Jesus.

A Minha Aldeia: Nova Pukanu

A Aldeia Nova Pukanu, conta com aproximadamente 70 famílias e está localizada no Município de Luciara-MT, no território Terra Indígena Kanela do Araguaia, num total de 140 mil hectares, o qual se encontra em demanda de demarcação. A comunidade Kanela do Araguaia é contituida por clãs, os

denominados por Julião, Bernaldino, Cassiano, os quais são formados por troncos familiares; temos aldeias com troncos familiares que pertencem a clãs de outra aldeia, mas temos aldeias que estão com seu clã e seus troncos familiares restritos.

O clã ao qual pertenço, Julião Altino dos Santos é contituido por nove troncos familiares, e eu sou pertencente ao Tronco Julião que é o meu avô. Esses nove troncos familiares têm aproximadamente 600 pessoas, mas 60% estão fora da aldeia por falta de demarcação de terras e as constantes violências de esbulhos que sofremos nas décadas de 50 e 60. Ou seja, a pressão que meu povo sofreu pelos não indígenas acabou levando muitos parentes para viverem longe de nossas comunidades. A aldeia está construída na margem direita do Rio Tapirapé (Figura 3 e 4), na Gleba da União - São Pedro, Município de Luciara, Micro região Norte do Estado de Mato Grosso.

Figura 3 e 4: Visão aérea da Aldeia Nova Pukanu às margens do Rio Tapirapé



Fonte: Silva (2024).

As casas, em sua maioria, são feitas de madeiras branca e cobertas de palhas de coco piaçaba, as quais são retiradas no período certo com as fases da lua cheia e crescente. Há também casas construídas em alvenaria, num modelo ocidental. O formato da aldeia é circular.

A aldeia conta com estrutura para atendimento de alguns serviços públicos além da oferta de escolarização, como atendimento a saúde, pelo Distrito Sanitario Especial Indígena (DSEI) e o município oferta serviços de ação social. Todos esses atendimentos são realizados na escola já que não há estruturas específicas, como por

exemplo uma estrutura própria para o posto de saúde.

Há que ser registrado que a escola tem se esforçado para trabalhos específicos e diferenciados, trazendo os saberes da nossa cultura Kanela para as práticas da educação escolar, como já sinalizei apresentando o calendário acima exposto.

Minha escola

A sala anexa Aldeia Nova Pukanu, atualmente anexa da Escola Estadual Juscelino Kubitschek, foi criada em setembro de 2017, quando iniciamos trabalhos como sala vinculada ainda à Escola Sol Nascente, do Município de Confresa-MT, cuja relação durou 6 anos. Atualmente a escola da aldeia se encontra vinculada à Escola Estadual Juscelino Kubitschek, do município de Luciara-MT.

Na nossa comunidade a escola tem Regimento Interno construído pela própria comunidade, no qual consta a prerrogativa de que os profissionais serão contratados por seu nível de formação. A contratação segue alguns critérios: primeiro serão atribuídas aulas para os profissionais Kanela e, se não houver profissionais Kanela qualificados nas áreas vaga, é aberta a oportunidade para profissionais indígenas de outras etnias e, por último, abertas as vagas para não indígenas. Os mesmos critérios são considerados para ocupação de cargos de gestão escolar.

O prédio escolar que a princípio foi construído pela comunidade, teve as devidas ampliações com recursos da Prefeitura e, atualmente, conta com estrutura boa para funcionamento que, além de salas de aula, tem estrutura para funcionamento da biblioteca, cozinha, refeitório, banheiros etc.

A sala anexa do Município foi criada no ano de 2021, atendendo alunos de turmas de creche (1 a 3 anos) e turmas de educação infantil (de 4 a 5 anos). O município dá apoio de forma tímida, mas, o anseio da comunidade é ver o desenvolvimento da escola conforme o desejo da nossa comunidade. Neste sentido, a escola se prepara e se planeja para ofertar conteúdos que atendam aos saberes tradicionais da comunidade Kanela, buscando a valorização da cultura tradicional do nosso povo. O meu povo está comprometido com ações que destaquem a cultura tradicional na rotina do processo de escolarização, numa tentativa de romper com a condição colonizadora que marcou a história de nossos antepassados.

Postura colonial e decolonial

O modelo colonial, que é uma postura utilizada desde que o Brasil foi invadido, praticamente se arrasta até os dias de hoje. De modo geral, é uma postura agressiva relacionada a complexidade da formação da população do Brasil, sendo um sistema que escraviza na e pela escola.

Numa visão decolonial, acredito que, desde quando os portugueses chegaram ao Brasil, todos aqueles indígenas que resistiram, fugindo por não aceitar as imposições europeias já iniciavam uma postura decolonizadora. Foram essas resistências que levaram várias pessoas a pensar que seria possível uma forma diferente, que estaria ao encontro da diversidade do Brasil. Mas, sem sombra de dúvidas, foi um movimento difícil, demorado, sofrido, mas, resiliente e resistente. À duras penas, se conseguiu reverter um processo colonizador de generalização da existência dos povos originários que respeitasse as diversidades dos diferentes povos originários brasileiros.

E não é diferente no contexto escolar, pois, foi seguindo uma longa caminhada de lutas, contestações e proposições para que hoje pudéssemos trazer essas discussões e ações em prol de uma educação diferenciada para os povos originários do Brasil. O pensamento de Almeida, Abreu e Pereira (2023, p. 4) sinaliza para tal compreensão:

A opção pela razão e atitude decolonial denota o compromisso ético-político-pedagógico com a produção do saber e análise de uma dada realidade social, promove uma inquietação concreta de subverter a lógica da colonização sobre os modos de pensar, agir e viver daqueles que foram/são colonizados pela condição histórica da colonização e mais atualmente colonialidade em suas distintas maneiras, especialmente no campo científico atual de produzir ciência.

Portanto, o modo decolonial é diretamente ligado à diversidade entre os povos originários no Brasil, já que etnias e culturas são específicas; cada povo tem seu modo de vida social e sua ancestralidade. Para tanto, com a resistência de cada povo, hoje vivemos um cenário que nos possibilita buscar caminhos para uma educação

diferenciada que atenda a alteridade dos povos originários do Brasil, garantida na Constituição Federal brasileira de 1988. Tal documento discorre que:

Além do reconhecimento do direito dos índios de manterem sua identidade cultural, a Constituição de 1988 garante a eles, no artigo 210, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. Esses dispositivos abriram a possibilidade para que a escola indígena se constitua num instrumento de valorização das línguas, dos saberes e das tradições indígenas, deixando de se restringir a um instrumento de imposição dos valores culturais da sociedade envolvente. (Grupioni, 2001, p. 72).

Nesse contexto, acredito que nós, povos indígenas, já avançamos, mas será preciso continuar na busca para que o Estado Brasileiro, de fato e na prática, reconheça o que foi promulgado na Constituição de 1988.

É justamente na prática da escola específica e diferenciada, garantida legalmente, que passo a apresentar o ritual das fases do ciclo de vida, da criança para a juventude, como um ato educativo e que faz parte das práticas da educação escolar na Aldeia Nova Pukanu.

Ritual das fases do ciclo de vida: de criança para adolescente

No mês de junho, anualmente, realizamos o ritual de celebração de passagem do ciclo de vida da fase de criança para adolescente, tanto de meninos quanto de meninas. Alguns dias antes da realização do ritual ocorre uma reunião de direcionamento e orientação das crianças para a preparação de tintas, as quais serão usadas para pintura corporal e, na oportunidade, são dadas as esclarecimentos sobre todo o grafismo utilizado na festa. O preparo das tintas faz parte do aprendizado das crianças sobre a tradição desta festa, sendo uma atividade cultural que ocorre também dentro da escola, pois esta atividade é considerada um ato educativo da educação indígena e tem sua relação com a educação escolar. O processo de ensino da cultura através do preparo das tintas extraídas de plantas cultivadas pela comunidade é feito, basicamente, na oralidade, sendo o processo explicado conforme vai ocorrendo as etapas do preparo. Em geral, os ensinamentos são feitos de pais para filhos e, ao mesmo tempo, por alguns profissionais da educação escolar que conhecem todo o

processo.

O grande dia é combinado e planejado pela comunidade, que é iniciado com guerreiras e guerreiros sendo chamados pelo canto e batidas do maracá, conduzido pelo cacique tradicional que também é o cantador, assim, toda comunidade é chamada para se dirigir até a orla da aldeia onde se inicia o ritual, numa espécie de convocação da comunidade.

Quando a comunidade se apresenta na orla da aldeia, os anciãos se sentam de frente para a comunidade reunida. No centro, o chão é forrado com palha de piaçaba, uma espécie de folha de palmeira, onde as crianças que irão participar da cerimônia se sentam de frente para os anciãos, a aproximadamente cinco metros de distância, em posição de reverência, como podemos observar na Figura 4.

Figura 4: Início do ritual de passagem



Fonte: Silva (2024).

O segundo passo do ritual é o momento em que as crianças recebem o banho de argila com plantas medicinais. Esse ritual simboliza a criação e a origem de nossos ancestrais e de todo o povo Kanela. A ideia é de que, não importa quão longe estão, as pessoas Kanela não podem esquecer do seu território originário. Nesse momento, as crianças escolhem um ancião para dar esse banho, como se fosse um padrinho; sendo escolhido, o ancião inicia suas orientações para a criança que está passando para outra fase, ou seja, como adolescente terá mais responsabilidades na vida e na

comunidade. Podemos observar na Figura 5 uma imagem que mostra o momento em que uma anciã faz as orientações para uma jovem durante seu ritual.

Figura 5: Início do ritual com banho de argila preparada com extrato de ervas medicinais



Fonte: Silva (2024).

No terceiro passo do ritual o pai/mãe e/ou responsável pelo jovem é convidado para sentar-se atrás para receber as orientações sobre como continuar ensinando as crianças em relação aos costumes tradicionais da cultura, conforme retratado na Figura 6. É o momento de serem passados os conselhos sobre como conduzir as tarefas do dia a dia e sobre a espiritualidade na perspectiva da nossa cultura tradicional.

Figura 6. Pais e/ou responsáveis recebendo orientações para continuidade dos ensinamentos sobre a cultura tradicional



Fonte: Silva (2024).

Logo em seguida, todos se dirigem para a beira do rio para continuar o ritual, onde irá acontecer o banho na água do rio que simboliza a limpeza espiritual. Novamente é lembrado da responsabilidade dos responsáveis sobre a continuidade dos ensinamentos sobre a cultura. Esse banho está demonstrado na Figura 7.

Figura 7. Banho de limpeza espiritual



Fonte: Silva (2024).

Após o banho de limpeza espiritual, no passo seguinte, são servidas as

comidas típicas, as quais são produzidas e preparadas pelo próprio povo: milho cozido, batata doce cozida com carne de caça, madioca assada e cozida, abóbora assada, peixes, beiju, mamão, suco de murici, suco de cajá. Nesse momento toda a comunidade é convidada para participar da refeição, conforme mostra a Figura 8.

Figura 8. Comida típica do ritual



Fonte: Silva (2024).

Após o consumo das refeições, já a noite, é feita uma fogueira (Figura 9), quando se inicia o ritual com muita dança (*toré*). O fogo representa a purificação e o selamento de toda a comunidade com seus costumes e práticas.

Figura 9. Início do ritual com muita dança (toré)



Fonte: Silva (2024).

Diante da fogueira são passados os colares tradicionalmente feitos pelos Kanelas, os quais representam as responsabilidades que esses jovens vão começar a praticar diante de sua comunidade; esses colares são feitos de barbante de algodão. O colar é passado por um membro da família que é muito importante na vida desse jovem (Figura 10).

Figura 10. Passagem dos colares



Fonte: Silva (2024).

É uma festa muito importante para o povo Kanela do Araguaia que acontece sempre que temos jovens chegando à adolescência; é um momento reservado para os ensinamentos de responsabilidades que esse adolescente terá que assumir; são lições de vida para ser uma pessoa inserida na sociedade interna da comunidade com direitos de participação de opiniões.

Enfim, o ritual é cultural, da cultura tradicional e se insere na rotina da escola formal, como uma atividade pedagógica. É feito um planejamento de aula para cinco dias com uma sequência didática, começando com a pesquisa teórica relacionada com todos os artefatos utilizados no ritual. A partir deste ritual trabalhamos aspectos da língua materna em todas as sequências. É trabalho com bastante ênfase a importância desses artefatos para o povo Kanela e usamos a exemplificação passando na forma de figuras de cada artefato.

Ainda trabalhamos o grafismo que é utilizado no ritual, as tintas (à base de genipapo e urucum) e também fazemos pesquisa para compreensão sobre a importância dessas plantas para o nosso povo. Uma parte prática interessante é aula de campo, quando coletamos o genipapo e o urucum para a produção de tintas. Nesse processo é ensinado para os estudantes como preparar as tintas a partir do que foi coletado e, em seguida, é praticada a pintura corporal, a qual as vezes é feita fora de sala de aula e as vezes é feita em sala de aula.

Enfim, são atividades importantes para a nossa cultura tradicional que envolvemos a comunidade escolar, de forma que alunos e professores se tornam protagonistas nos rituais e nos processos didático pedagógicos.

Considerações Finais

A importância de apresentar esse ritual nesse artigo, é mostrar o envolvimento da comunidade junto a escola: todo trabalho que antecede a festa do ritual é trabalhado em sala de aula e concluído fora de sala, mas, retorna para a escola em forma de trabalhos didáticos. Trabalhamos a parte pedagógica ensinando a importância do jenipapo, que é uma fruta nativa que usamos na preparação de tintas para o grafismo, e a profundidade da importância do urucum para os povos originários, com ênfase para o povo Kanela do Araguaia.

Todos os aterfatos produzidos são trabalhados em sala de aula, quando alunos são envolvidos nessa produção, fazendo parte da rotina escolar. Nesse sentido, encontro respaldo desta vivência quando estabeleço relação desta atividade da cultura tradicional e a educação escolar, de modo que “O que nos move nessa reflexão é um conjunto de vivências no âmbito da formação de educação.”. (Abreu; Almeida, 2008, p. 73). Essas vivências nos possibilita fazer o diferente em sala de aula, trazendo para a comunidade resultados de uma educação diferenciada, a partir da cultura do meu povo.

Considero que esse trabalho foi importante para poder mostrar um pouco do nosso trabalho, na escola Juscelino Kubitschek, salas anexas da Aldeia Nova Pukanu, que transformando parte do ritual das fases do ciclo de vida de criança/adolescente, em aulas pedagógicas no contexto escolar, nos trouxe enriquecimento cultural, tanto para os estudantes e para os professores: um desenvolvimento linguístico e cultural para toda a comunidade.

Referências

ABREU, Robeta Melo de Andrade, ALMEIDA, Danilo Di Manno. Refletindo sobre a pesquisa e sua importancia na formação e na prática do professor do ensino fundamental IN **R. Faced**, n. 14 p. 73-85 jul/dez. 2008.

ABREU Waldir Ferreira de; ALMEIDA Debora Renata Muniz; PEREIRA, Alexandre Alberto Premissas-força para s pensar a pesquisa decolonial em educação. **In territórios. Revista de educação**. v. 9. N.18 e 259001, 2023.

CROCKER, William H. Canela Apanyekrá. In: **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1>. Acesso em: 25/07/2024.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi e VIDAL, Lux Boelitz. **A tolerância e os povos indígenas**: a busca do diálogo na diferença. 2001, Anais. São Paulo: Edusp, 2001. . Acesso em: 26 jul. 2024.

MELATTI, Julio Cezar. Timbira. In: **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>. Acesso: 25/07/2024.

Recebido: 20/08/2024

Aprovado: 03/01/2025

Publicado: 30/04/2025

